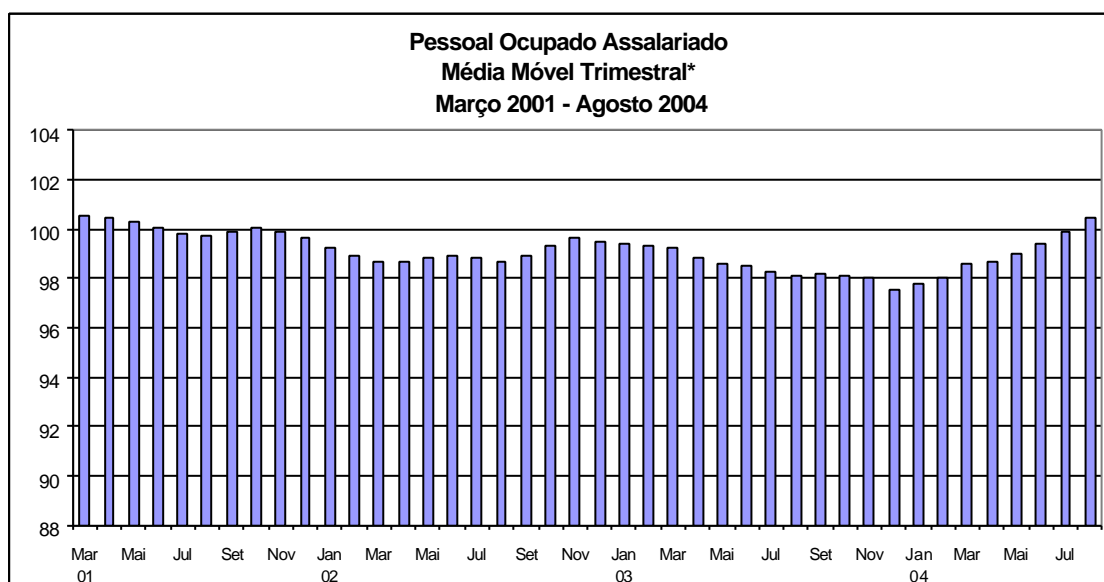


COMENTÁRIOS**PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO**

Em agosto de 2004, os indicadores do emprego industrial foram positivos. Na série livre de influências sazonais, o índice mostrou expansão de 0,9%, entre julho e agosto últimos. Na comparação com mesmo mês do ano passado, o índice registra aumento de 3,1% e o acumulado de janeiro-agosto cresce 0,8%. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, teve crescimento nulo (0,0%).

Com quatro meses consecutivos de crescimento na comparação mês/mês anterior, o total de pessoas ocupadas acumulou acréscimo de 2,6% entre abril e agosto de 2004. Por sua vez, o indicador de média móvel trimestral acentua a trajetória de recuperação iniciada em janeiro, mostrando expansão de 2,9% entre os trimestres encerrados em dezembro do ano passado e agosto último.

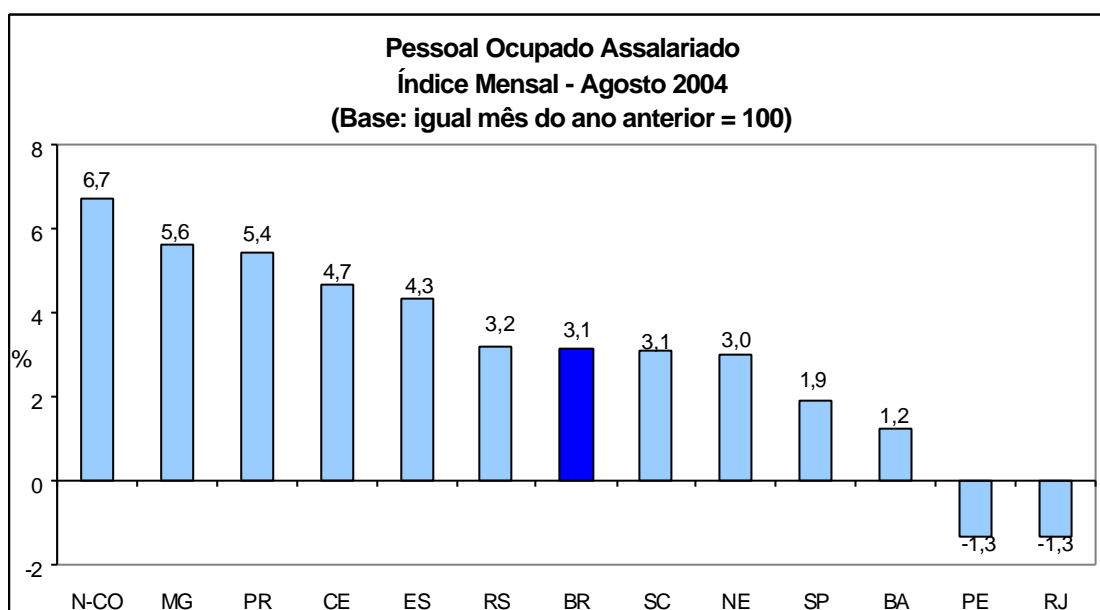


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

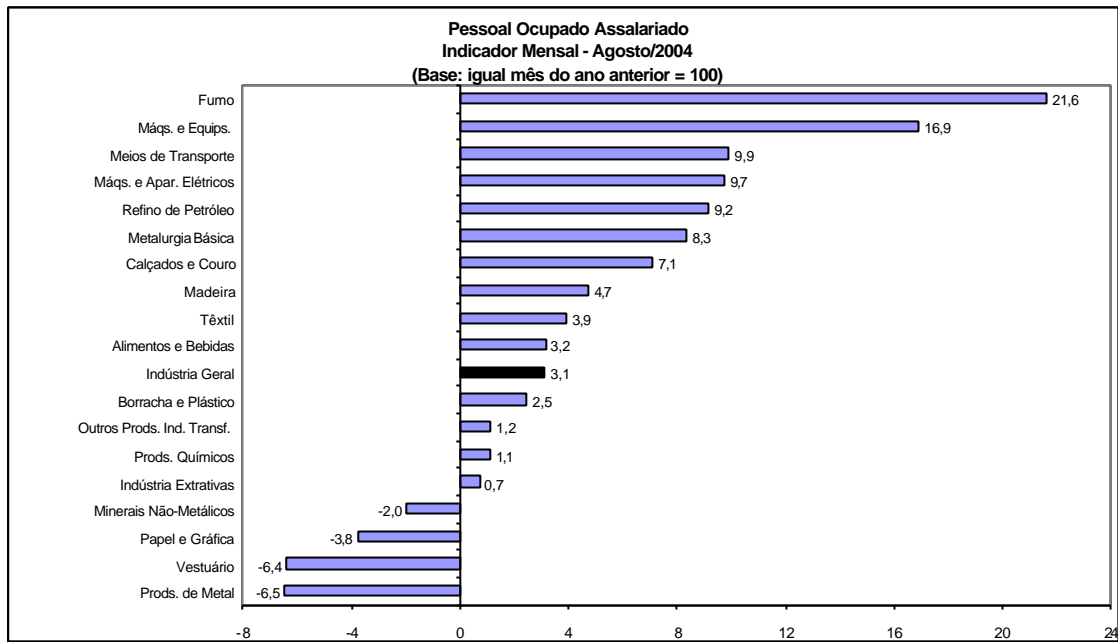
No comparativo contra igual mês do ano anterior, o contingente de trabalhadores na indústria mantém uma seqüência de quatro meses com taxas positivas. Em agosto, o índice mensal foi 3,1%, resultado do aumento observado em doze locais e quatorze atividades (gráficos). São Paulo (1,9%) e Minas

Gerais (5,6%) sobressaíram como os principais destaques positivos. Em São Paulo, dos dezoito setores pesquisados, treze ampliaram o nível de emprego, com destaque para máquinas e equipamentos (24,4%) e alimentos e bebidas (8,0%). Em Minas Gerais, são quatorze os setores com crescimento, valendo mencionar o resultado de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (24,9%) e borracha e plástico (39,9%). Dois locais permanecem com índice negativo: Rio de Janeiro e Pernambuco, ambos com redução de 1,3%. O setor de alimentos e bebidas é o principal responsável pelo decréscimo do número de trabalhadores nestes estados (-16,8% e -6,7%, respectivamente).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Ainda no confronto mensal, a maioria (14) dos dezoito setores pesquisados amplia o número de pessoas ocupadas. Máquinas e equipamentos é novamente confirmada como a atividade que mais contribuiu para o emprego industrial, no total do país (16,9%), ficando o segundo principal impacto positivo com meios de transporte (9,9%). Em contraste, vestuário (-6,4%) e produtos de metal (-6,5%) exerceram as principais pressões negativas.

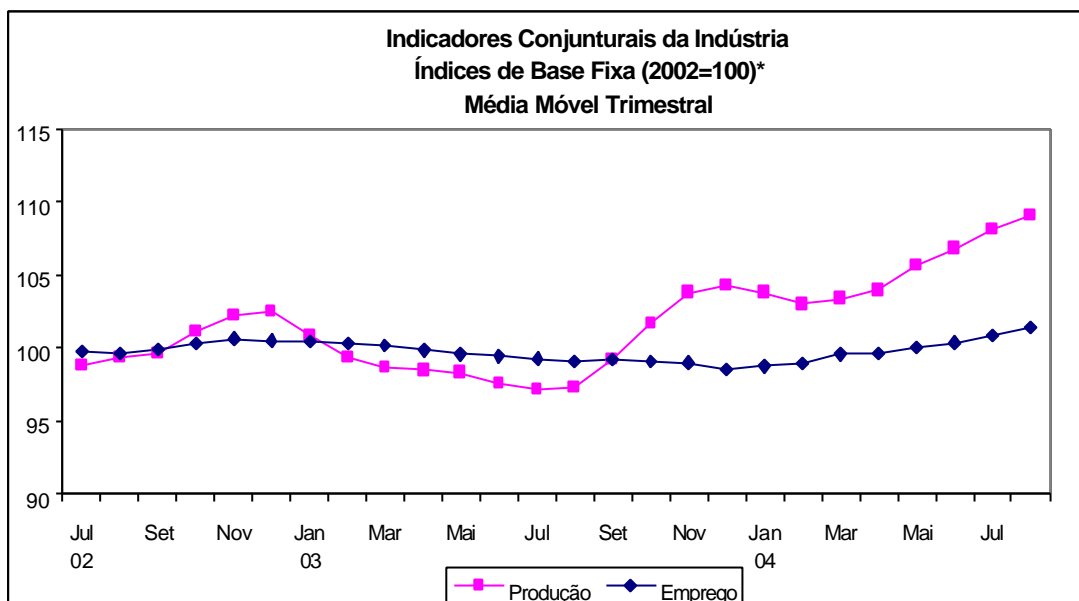


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

No período acumulado janeiro-agosto (0,8%), as admissões superaram as demissões em nove áreas e doze atividades. Minas Gerais (3,6%), Norte e Centro-Oeste (3,5%) e Paraná (3,0%) figuraram como as principais influências positivas no cômputo geral entre os locais e máquinas e equipamentos (13,4%) e alimentos e bebidas (2,4%), entre os setores. Rio de Janeiro (-3,3%) e Rio Grande do Sul (-0,7%) foram os dois locais pesquisados que mais pressionaram negativamente o índice geral. Setorialmente, vestuário (-9,6%) e papel e gráfica (-6,0%) representaram as contribuições negativas mais significativas.

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra uma trajetória ascendente desde abril deste ano (-0,9%) até alcançar -0,3% em julho e não registrar variação (0,0%) em agosto.

Em síntese, a recuperação do nível de emprego industrial e o crescimento real da folha de pagamento refletem os efeitos da manutenção do crescimento da atividade produtiva ao longo de 2004. A ampliação do número de setores industriais com crescimento na produção é igualmente observada em termos do perfil dos índices de emprego que, tanto setorial quanto regionalmente, mostram um quadro mais generalizado de resultados positivos.

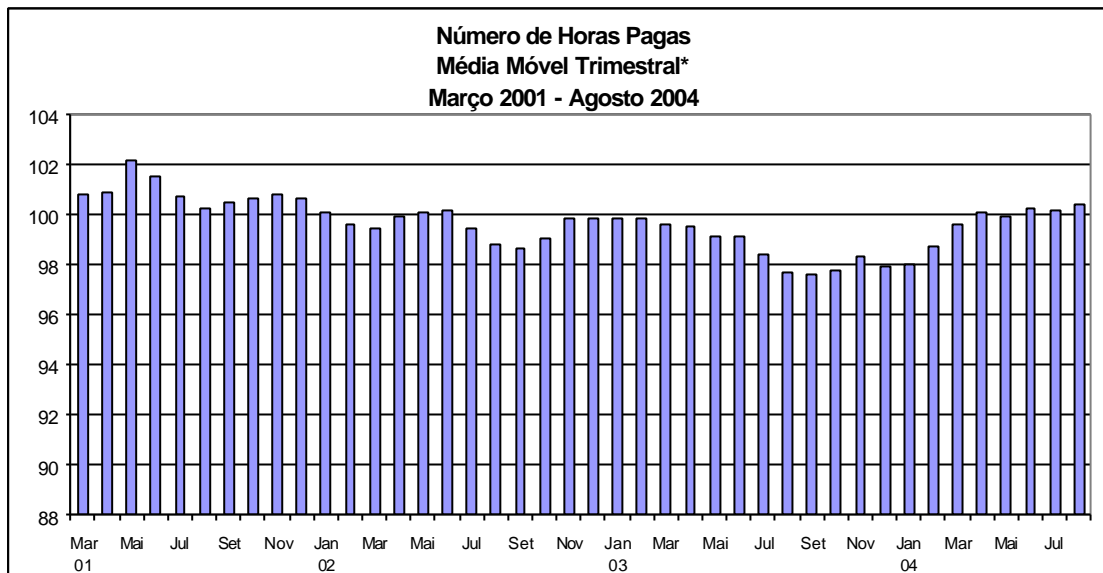


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
 *série com ajuste sazonal

NÚMEROS DE HORAS PAGAS

Em agosto, o total de horas pagas aos trabalhadores da indústria registrou acréscimo de 1,0% em relação a julho, já descontado o efeito sazonal. Na comparação com igual mês do ano anterior houve crescimento de 3,9%. Os indicadores para períodos mais abrangentes registraram aumentos de 1,2% no acumulado no ano e de 0,2% no acumulado nos últimos doze meses. A jornada média de trabalho, também assinalou alta em todos os indicadores: 0,7% no indicador mensal, 0,4% no acumulado no ano e 0,3% no acumulado nos últimos doze meses.

Após a estabilidade registrada no mês passado a jornada de trabalho volta a crescer na passagem de julho para agosto (0,2%), segundo o indicador de média móvel trimestral.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

Segundo o indicador mensal, o número de horas pagas na indústria atinge a sétima taxa positiva consecutiva ao crescer 3,9%. Esta performance foi determinada pelo aumento da jornada em doze dos quatorze locais e treze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, os maiores impactos positivos foram observados nas atividades de máquinas e equipamentos (17,3%), meios de transporte (12,6%) e alimentos e bebidas (3,2%). Em contrapartida, as principais pressões negativas vieram das indústrias de vestuário (-7,2%), produtos de metal (-3,0%) e papel e gráfica (-2,9%).

Ainda no confronto agosto 04/ agosto 03, os locais que registraram as contribuições mais significativas no resultado nacional foram São Paulo (2,9%), Minas Gerais (7,5%) e região Norte e Centro-Oeste (7,6%). Na indústria paulista, onze das dezoito atividades pesquisadas aumentaram o número de horas pagas. Dentre estas, as mais expressivas foram máquinas e equipamentos (19,9%), alimentos e bebidas (7,3%) e meios de transporte (9,2%). Na indústria mineira, os destaques foram borracha e plástico (65,2%), metalurgia básica (14,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos (28,4%); e na indústria da região Norte e Centro-Oeste a maior pressão positiva ficou por conta alimentos e bebidas (17,5%). Em contraposição, as duas únicas influências negativas vieram dos índices do Rio de Janeiro (-2,7%) e Pernambuco (-0,1%). Nestes locais, o segmento de alimentos e bebidas foi o principal impacto

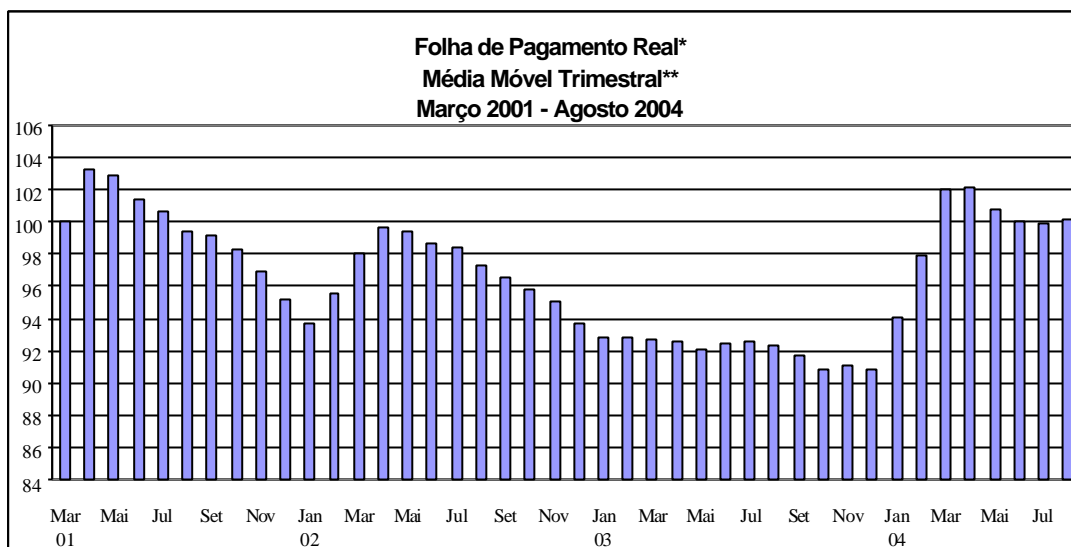
negativo, com taxas de -18,4% e -5,8%, respectivamente.

O acumulado janeiro-agosto registrou aumento de 1,2% no número de horas pagas da indústria. Contribuíram para este resultado, os desempenhos positivos de onze regiões e doze setores industriais. Os locais responsáveis pelas maiores influências positivas foram: Minas Gerais (4,6%), São Paulo (0,8%) e região Norte e Centro-Oeste (3,0%). Por outro lado, Rio de Janeiro (-4,9%), Espírito Santo (-1,8%) e Rio Grande do Sul (-0,2%), exerceram as únicas pressões negativas. Setorialmente, no total do país, os impactos positivos mais relevantes vieram de máquinas e equipamentos (14,8%), meios de transporte (7,7%) e metalurgia básica (10,3%). Por outro lado, vestuário (-10,2%) e produtos de metal (-4,9%) foram as principais contribuições negativas.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresentou em agosto pequeno aumento de 0,2%, dando continuidade à trajetória ascendente iniciada em fevereiro. As atividades máquinas e equipamentos (10,7%) e vestuário (-10,3%) exerceram, respectivamente, as principais pressões, positiva e negativa. Já os locais que responderam pelos maiores impactos, positivo e negativo, respectivamente, no cômputo geral foram Minas Gerais (2,7%) e Rio de Janeiro (-5,4%).

FOLHA DE PAGAMENTO

Em agosto, a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais, manteve-se estável (0,0%) em relação ao mês de julho, resultado praticamente idêntico ao registrado na passagem de junho para julho (-0,1%). O indicador de média móvel trimestral mostra expansão de 0,3% entre os trimestres encerrados em julho e agosto, interrompendo a trajetória de desaceleração iniciada maio. Vale destacar que neste tipo de indicador a folha de pagamento real assinala o patamar mais elevado para os meses de agosto, desde o início da série da pesquisa em 2001.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

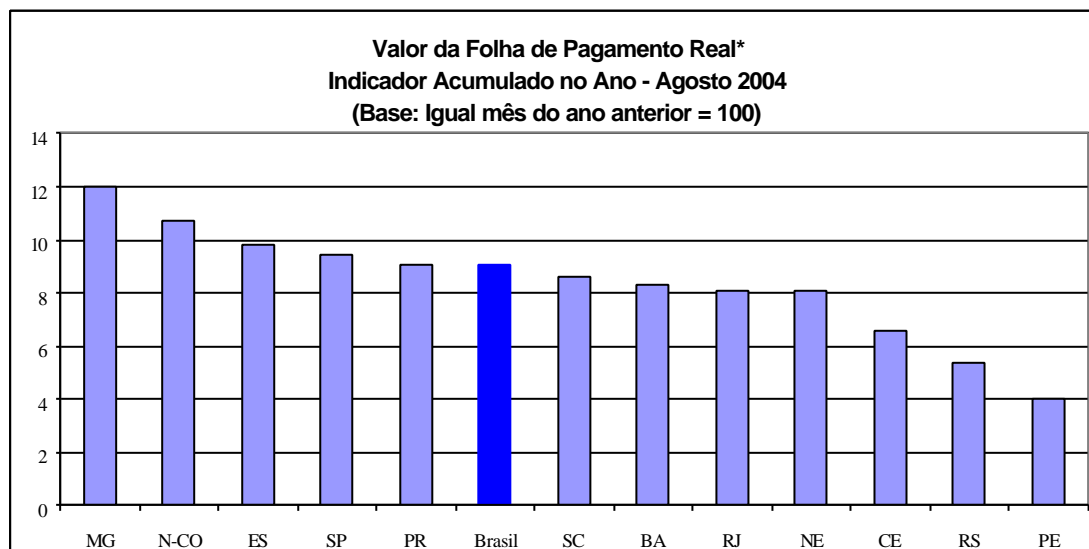
** Série com ajuste sazonal

Já nos demais indicadores, o valor da folha de pagamento industrial prossegue apresentando crescimento: 9,6% em comparação com agosto do ano passado, 9,1% no acumulado no ano e 5,3% no acumulado nos últimos doze meses. Em relação à folha de pagamento média real, os três indicadores também registraram índices positivos: 6,3% no confronto com agosto do ano anterior, 8,2% no acumulado no ano e 5,4% para o acumulado nos últimos doze meses.

Na comparação agosto 04/ agosto 03, a folha de pagamento real, registrou aumento de 9,6%, com crescimento em todos os quatorze locais pesquisados. Para a formação desta taxa, a maior contribuição positiva novamente foi assinalada por São Paulo (10,3%), com a maioria (treze) dos dezoito setores apresentando resultados positivos, influenciada em grande parte pela forte expansão observada em máquinas e equipamentos (68,2%) e, em menor medida, em meios de transporte (13,2%). Em termos de magnitude da taxa, o principal destaque foi Minas Gerais (14,4%) que teve o valor da folha salarial real impulsionado pelo acréscimo observado em metalurgia básica (22,4%), produtos de metal (41,5%) e produtos químicos (42,0%). Acima da média global (9,6%), destacam-se: Bahia (10,8%), Rio de Janeiro (10,3%), Espírito Santo (9,9%) e região Norte e Centro-Oeste (9,8%). Abaixo da média ficaram: Paraná (9,2%), Santa Catarina (8,2%), Ceará (6,8%), Rio Grande do Sul (4,8%), região Nordeste (6,9%) e Pernambuco (0,1%).

Ainda na comparação agosto 04/ agosto 03, em termos setoriais, houve aumento real na folha de pagamento em quinze dos dezoito setores industriais investigados. As maiores influências positivas foram observadas em máquinas e equipamentos (41,6%), meios de transporte (14,3%), alimentos e bebidas (7,5%) e produtos químicos (9,3%). Em sentido contrário, os três ramos que apresentaram decréscimo no valor da folha de pagamento real foram produtos de metal (-7,0%), vestuário (-1,7%) e minerais não-metálicos (-1,4%).

No indicador acumulado no ano (9,1%) os números são positivos para a totalidade das áreas pesquisadas. Observa-se que o crescimento da folha de pagamento está alinhado a um contexto de redução no ritmo da inflação e de um maior dinamismo da atividade industrial. Também neste confronto, as indústrias de São Paulo (9,4%) são as que mais pressionam positivamente a taxa global, influenciadas sobretudo pelos ganhos assinalados em máquinas e equipamentos (51,8%). Minas Gerais (12,0%) e a região Norte e Centro-Oeste (10,8%) são as que registram os maiores avanços, em razão, principalmente, dos acréscimos revelados por metalurgia básica (19,5%), na primeira, e alimentos e bebidas (12,6%), na segunda.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Ainda no indicador acumulado no ano, em termos setoriais, houve acréscimo no valor real da folha de pagamento em quinze dos dezoito ramos industriais investigados. Para a formação da taxa de 9,1%, as contribuições positivas mais significativas vieram de máquinas e equipamentos (32,0%), meios

de transporte (9,2%), alimentos e bebidas (8,4%) e produtos químicos (10,2%). Com decréscimo figuram apenas produtos de metal (-5,2%), têxtil (-5,0%) e vestuário (-2,8%).

No que se refere à folha de pagamento média real da indústria, o indicador acumulado no ano (8,2%) apresenta expansão em todos os locais, com os índices variando entre os 5,9% registrados no Paraná e os 12,8% no Espírito Santo. Em nível setorial, dos dezoito setores pesquisados, apenas têxtil (-3,1%) e fumo (-8,0%) assinalaram decréscimo, cabendo à máquinas e equipamentos (16,5%), indústria extrativa (12,8%) e papel e gráfica (10,6%) os avanços mais intensos no total do país.

Na análise do indicador acumulado nos últimos doze meses, a folha de pagamento real mostrou significativo aumento no ritmo de crescimento em agosto (5,3%), frente aos resultados de julho (4,1%) e junho (3,2%). Seguindo a mesma tendência, a folha média real assinalou uma sensível melhora nos últimos três meses: junho (3,8%), julho (4,5%) e agosto (5,4%).